

Índice

Introdução, de Sally Rooney	7
<i>Todos os Nossos Ontens</i>	
Primeira Parte	19
Segunda Parte	161
Notas	297

I

O retrato da mãe estava pendurado na sala de jantar: uma mulher sentada com um chapéu de plumas e um longo rosto cansado e assustado. Tinha sido sempre de saúde débil, sofria de vertigens e de palpitações, e quatro filhos tinham sido de mais para ela. Tinha morrido pouco depois do nascimento de Anna.

Por vezes, ao domingo, Anna, Giustino e a senhora Maria iam ao cemitério. Concettina, não, porque nunca punha o pé fora de casa ao domingo, era um dia que detestava e ficava fechada no quarto a remendar meias com o mais feio dos seus vestidos. E Ippolito tinha de fazer companhia ao pai. No cemitério, a senhora Maria rezava; os dois adolescentes, não, porque o pai dizia sempre que rezar é estúpido, e se calhar existe Deus, mas não é necessário pedir-lhe nada, é Deus e sabe por si como vão as coisas.

Antes da morte da mãe, a senhora Maria não vivia com eles, mas com a avó, a mãe do pai, e viajavam juntas. Nas malas da senhora Maria havia etiquetas de hotéis, e num armário havia um vestido dela com botões em forma de pequenos abetos, comprado no Tirol. A avó tinha a mania de viajar e nunca quisera deixar de o fazer, e assim tinha gastado todo o seu dinheiro, porque gostava de ir para os hotéis elegantes. Nos últimos tempos, segundo dizia a senhora Maria, tinha-se tornado muito má, porque não se conformava com o facto de já não ter mais dinheiro, e não conseguia perceber porquê, e às vezes esquecia-se e queria comprar um

chapéu, e a senhora Maria tinha de a arrastar da frente da montra, enquanto ela batia com a sombrinha no chão e mordida de raiva o véu do chapéu. Agora estava sepultada em Nice, onde morrera, onde se tinha divertido tanto em nova, quando era fresca e bonita e tinha todo o seu dinheiro.

A senhora Maria ficava muito contente se podia falar do dinheiro que a avó possuía, e se podia contar e gabar-se das viagens que tinham feito. A senhora Maria era muito pequena e, quando estava sentada, não chegava com os pés ao chão. Por isso, quando estava sentada, embrulhava-se numa manta porque não gostava de mostrar os pés, que não chegavam ao chão. A manta era a da carruagem, aquela com que, vinte anos antes, ela e a avó cobriam os joelhos quando andavam pela cidade de carruagem. A senhora Maria punha um pouco de *rouge* nas faces, e não gostava que a vissem de manhã cedo, quando ainda não tinha o *rouge*, e assim deslizava para a casa de banho muito calada, muito calada e curvada e estremeceia e zangava-se se alguém a fazia parar no corredor para lhe perguntar alguma coisa. Ficava sempre bastante tempo na casa de banho, e então todos iam bater à porta e ela punha-se a gritar que estava farta de estar naquela casa, onde ninguém a respeitava, e queria fazer logo as malas, e ir para casa da irmã, para Génova. Por duas ou três vezes tinha tirado as malas debaixo do armário e tinha começado a arrumar os sapatos nos saquinhos de pano. Era preciso fazer de conta que não se dava por nada e, passado um bocado, começava a tirar os sapatos dos sacos. De resto, todos sabiam que aquela sua irmã de Génova não a queria em casa.

A senhora Maria saía da casa de banho toda vestida e com o chapéu na cabeça, e, muito depressa, sempre a ver se passava alguém, corria para a rua com uma pá para recolher estrume, para adubar as roseiras. Depois ia com o saco de rede fazer as compras, e era capaz de atravessar a cidade em meia hora com os seus pezinhos velozes encafuados nos sapatos com lacinho. Todas as manhãs, vasculhava por toda a cidade para encontrar o mais barato, e regressava a casa morta de cansaço, e estava sempre de mau

humor depois das compras, e zangava-se com Concettina, que ainda estava de roupão, e dizia que nunca tinha pensado ter de se estafar pela cidade com o saco das compras, quando se sentava na carruagem ao lado da avó, com os joelhos bem quentes na manta e as pessoas a cumprimentavam. Concettina escovava os cabelos devagarinho em frente do espelho, e depois encostava a cara ao espelho e olhava as sardas uma por uma, olhava os dentes e as gengivas e deitava a língua de fora e olhava-a. Penteava-se com os cabelos presos num rolo agarrado na nuca e uma franja revolta na testa, e a senhora Maria dizia sempre que com aquela franja tinha mesmo o ar de uma *cocotte*. Depois abria o armário de par em par e via a roupa que devia vestir. Entretanto, a senhora Maria, com um lenço na cabeça e as mangas arregaçadas sobre os braços secos e velhos, punha ao ar a roupa das camas e batia os tapetes, mas fugia se via aparecer à janela a senhora da casa da frente, porque não gostava que a vissem de lenço na cabeça a bater os tapetes, e lembrava-se de que tinha ido para aquela casa como dama de companhia, e que agora era obrigada a fazer aquilo.

A senhora da casa em frente também tinha franja, mas era uma franja encaracolada pelo cabeleireiro e despenteada com graça, e a senhora Maria dizia que parecia mais nova do que Concettina, quando saía cá fora de manhã com uns roupões claros e frescos, embora se soubesse de fonte segura que tinha quarenta e cinco anos.

Havia dias em que Concettina não conseguia encontrar roupa para vestir. Provava saias e camisas, cintos e flores no decote, e não ficava contente com nada. Então punha-se a chorar e gritava que era uma desgraçada sem roupa bonita para vestir e, além disso, com uma figura tão mal feita. A senhora Maria fechava as janelas, para que na casa da frente ninguém ouvisse. «Não és mal feita», dizia, «só um pouco forte de ancas e um pouco lisa de peito. Como a tua avó, que também era lisa de peito.» Concettina gritava e soluçava, atirada semivestida sobre a cama desfeita, e então deitava cá para fora todos os desgostos, os exames que tinha para fazer e as histórias com os namorados.

Concettina tinha muitos namorados. Andava sempre a mudar. Havia um sempre parado ao portão, um com uma cara larga e quadrada e uma *écharpe* em lugar da camisa, presa por um alfinete de dama. Chamava-se Danilo. Concettina dizia que o tinha deixado há tempo, mas que ele ainda não se conformara e passeava para trás e para diante em frente do portão, com as mãos atrás das costas e o boné enterrado na cabeça. A senhora Maria tinha medo de que ele entrasse de repente para fazer uma cena a Concettina, e ia ter com o pai dela, lamentando-se de todas as histórias de Concettina com os namorados, e puxava-o para a janela para que visse Danilo com o seu boné e as mãos atrás das costas, e queria que o pai descesse para o mandar embora. Mas o pai dizia que a rua é de todos e que ninguém tem o direito de expulsar um homem de uma rua, e puxava do seu velho revólver e pousava-o sobre a mesa, para a eventualidade de Danilo saltar de repente o portão. E empurrava para fora do quarto a senhora Maria, porque queria ficar descansado, a escrever.

O pai andava a escrever um grande livro de memórias. Escrevia-o há muitos anos, tinha abandonado a advocacia para o poder escrever. Intitulava-se *Nada mais do que a Verdade* e nele havia coisas incendiárias sobre os fascistas e sobre o rei. O pai ria e esfregava as mãos ao pensar que Mussolini e o rei não sabiam de nada, e que numa pequena cidade de Itália um homem escrevia páginas incendiárias sobre eles. Contava toda a sua vida, a retirada de Caporetto, onde também ele tinha ido parar, e todas as coisas que tinha visto, e os comícios dos socialistas e a Marcha sobre Roma e falava de todos os tipos que tinham virado a casaca na sua pequena cidade, pessoas que pareciam decentes e as vilanias que depois tinham feito, «nada mais do que a verdade». Durante meses e meses, escrevia e fazia soar a campainha a cada instante para pedir café, e o quarto estava cheio de fumo, e mesmo de noite ficava a pé a escrever, ou então chamava Ippolito para que escrevesse enquanto ele ditava. Ippolito batia com força na máquina de escrever, e o pai ditava, passeando em pijama pelo quarto, e ninguém podia dormir, porque a casa tinha as pa-

redes finas, e a senhora Maria dava voltas na cama, tremendo com medo de que alguém da rua ouvisse a voz excitada do pai, e as coisas incendiárias que dizia contra Mussolini. Mas depois, de repente, perdia a coragem, e o livro já não lhe parecia tão bom, e dizia que os italianos estavam todos errados e que não seria certamente um livro a mudá-los. Dizia que tinha vontade de sair para a rua a disparar o seu revólver, ou, então, não fazer nada, ficar estendido a dormir e esperar que viesse a morte. Já não saía do quarto; passava os dias na cama e queria que Ippolito lhe lesse *Fausto*. E depois chamava Giustino e Anna e pedia-lhes desculpa, porque nunca tinha feito as coisas que um pai normalmente faz, não os tinha levado ao cinema nem a passear. E chamava Concettina e queria saber dos seus namorados e dos seus exames. Tornava-se muito bom quando estava triste. Acordava uma manhã e já não estava tão triste, queria que Ippolito lhe massajasse as costas com a luva de crina, queria as suas calças de flanela branca. Sentava-se no jardim e queria que lhe levassem lá o café, mas achava-o sempre muito fraco e engolia-o com nojo. Ficava toda a manhã sentado no jardim com o cachimbo entalado nos dentes brancos e grandes, e com o rosto magro e enrugado contraído numa careta, não se percebia bem se por causa do sol ou pelo mau gosto do café ou pelo esforço de segurar o cachimbo apenas com os dentes. Quando já não estava triste, não pedia desculpa de nada a ninguém, e chicoteava as roseiras com a bengala enquanto pensava de novo no livro de memórias, e então a senhora Maria tinha pena das roseiras, de que gostava tanto, e fazia todas as manhãs aquele sacrifício de descer à rua para recolher estrume com a pá, correndo o risco de que alguém a visse e se risse dela.

O pai não tinha nenhum amigo. Por vezes, punha-se a caminhar por toda a cidade, com um ar embirrento e mau, e sentava-se num café do centro a olhar as pessoas que passavam, para se deixar ver por aqueles que conhecera muito bem em tempos, para mostrar que ainda estava vivo, e acreditava que ficavam com raiva. Voltava para casa bastante contente quando via passar al-

gum daqueles que dantes eram socialistas, como ele, e que agora eram fascistas, e não sabiam o que estava escrito acerca deles no livro de memórias, do tempo em que eram pessoas decentes e de todas as vilanias que depois tinham feito. À mesa, o pai esfregava as mãos e dizia que se houvesse Deus o deixaria viver até ao fim do fascismo, para poder publicar o seu livro e ver as caras das pessoas. Dizia que assim se saberia finalmente se existia ou não esse tal Deus, mas, bem vistas as coisas, inclinava-se mais para que não, ou, quem sabe, talvez existisse mas torcia por Mussolini. Depois de comer, o pai dizia: «Giustino, vai comprar-me o jornal, torna-te útil, já que não és agradável.» Porque não era nada gentil quando não estava triste.

De vez em quando, chegavam grandes caixas de bombons, mandadas por Cenzo Rena, que tinha sido muito amigo do pai em tempos. Chegavam também postais ilustrados de todos os pontos do mundo, porque Cenzo Rena andava sempre a viajar, e a senhora Maria reconhecia os lugares onde tinha estado com a avó, e enfiava os postais no espelho da cómoda. Mas o pai não queria ouvir falar de Cenzo Rena, porque tinham sido amigos, mas depois tinham brigado de uma forma terrível, e, quando via chegar os bombons, encolhia os ombros e bufava, e Ippolito tinha de escrever às escondidas a Cenzo Rena, para lhe agradecer e dar notícias do pai.

Concettina e Anna tinham lição de piano duas vezes por semana. Ouvia-se um leve e tímido toque de campainha, Anna abria o portão e o professor de piano atravessava o jardim e parava a contemplar as roseiras, porque também ele sabia a história do estrume e da pá, e, além disso, esperava que o pai aparecesse de um lugar ou outro do jardim. Ao princípio, o pai tinha-lhe dado muita atenção e tinha imaginado que aquele professor de piano era um grande homem, sentava-o no seu quarto e dava-lhe do seu tabaco para fumar, e batia-lhe com força sobre o joelho e estava sempre a dizer que era uma pessoa extraordinária. O professor de piano estava a escrever uma gramática latina em verso, copiava-a num caderninho e, de todas as vezes que vinha, queria que o pai